

# A relação entre Jesus e o povo no evangelho de Marcos\*

Osmar Zizemer

## I — Introdução

No prefácio do vol. II da mais recente Teologia do NT — a Teologia do Novo Testamento de L. GOPPELT, edição alemã — o seu discípulo e editor desta obra póstuma, J. ROLOFF, supõe que L. GOPPELT não incluiu e nem planejava incluir em sua obra um parágrafo específico sobre o evangelho de Marcos. E isto porque, segundo a sua opinião, a pesquisa neste evangelho ainda não chegou a um consenso em diversos pontos, e também ainda existem diversas lacunas a serem pesquisadas<sup>(1)</sup>.

Uma das lacunas na pesquisa deste mais antigo dos evangelhos canônicos é o estudo minucioso da relação entre Jesus e o povo<sup>(2)</sup>.

Em que consiste a problemática assinalada por esta lacuna na pesquisa?

---

\* O presente artigo é a minha preleção inaugural proferida na Escola Superior de Teologia da IECLB em 09/09/1987. Ela foi levemente modificada e complementada com as notas bibliográficas para a publicação.

(1) Veja J. ROLOFF, in: L. GOPPELT, **Theologie des Neuen Testaments**, Bd.2, Göttingen 1976, p. 317.

(2) Esta lacuna foi constatada por escrito pela primeira vez por H.-W. KUHN, Recensão de H. Räisänen — Die Parabeltheorie im Markusevangelium (Schriften der Finnischen Exegetischen Gesellschaft 26), Helsinki 1973, in: **ThLZ** 101 (1976), col. 122. Tentei preencher esta lacuna com a minha tese de doutorado: "**Das Verhältnis zwischen Jesus und Volk im Markusevangelium**", München 1983, apresentada à Universidade de Munique, Rep. Fed. Alemanha, cujas principais teses o presente artigo coloca à reflexão de um público maior. Quando o espaço deste artigo não permitir entrar em maiores detalhes, remetemos o leitor a esta tese, que está à disposição em nossa biblioteca da EST.

Quando lemos o evangelho de Marcos do princípio ao fim e atentamos para o relacionamento entre Jesus e o povo, salta aos olhos, que há nele por assim dizer duas grandes linhas de afirmações sobre esta relação:

a) Uma linha, que no geral descreve **de forma positiva** a relação entre Jesus e o povo. Como exemplo sejam citadas passagens como Mc 2.12; 3.7s; 3.31-35; 6.30-34; 6.35-44; 6.52-56; 8.1-9; 11,1ss; 12,11; 14.2.

b) Uma linha, que descreve a relação entre Jesus e o povo **de forma negativa**. Como exemplos para esta linha de afirmações temos textos como Mc 4.10-12(33-34); 6.1-6a; 15.6-15.

E o intrigante é que estas duas linhas de descrição desta relação se entrecruzam e entrelaçam, perpassando todo o evangelho de Marcos. Não é possível reconhecer um crescimento, um desenvolvimento nesta relação, no sentido de uma melhora ou de uma deterioração.

Como então explicar estas duas linhas? Será que Marcos, ao coletar e juntar pequenas ou maiores unidades tradicionais, encontrou estas duas linhas e não conseguiu harmonizá-las na sua redação? Ou será que o evangelista, ao juntar estas diferentes tradições, não percebeu esta tensão entre ambas as linhas?

Quer me parecer que, apesar de ter feito uso de diferentes tradições já pré-formuladas (pelo menos oralmente), esta tensão entre as duas linhas de afirmações sobre a relação entre Jesus e o povo **é intencional** em Marcos. Caso contrário teríamos de passar atestado de “limitação intelectual” a este evangelista — e este direito nós não temos!

Mas, se é intencional esta tensão, como interpretar esta intenção de Marcos?

## II — Picadas na história da pesquisa

Em geral pode-se dizer que na pesquisa do NT quase não foi dada atenção a esta questão. A grande maioria dos exegetas apenas faz, se faz, afirmações muito breves e generalizantes sobre o “povo” no evangelho de Marcos, ao analisar uma ou outra passagem de seu interesse específico, sem contudo relacioná-las então com todo o evangelho ou com as demais passagens, que fazem afirmações sobre o mesmo.

Não obstante, pode-se distinguir três modelos na tentativa de interpretar a relação entre Jesus e o povo em Marcos:

## 1) O povo como massa *perditionis*

Como representante deste modelo de interpretação eu gostaria de citar o pesquisador A. JÜLICHER, no seu estudo sobre as Parábolas de Jesus, que marcou época<sup>(3)</sup>. No contexto de sua pergunta pela finalidade das parábolas de Jesus, ao examinar Mc 4.10-13.33-34, JÜLICHER faz as suas afirmações sobre o povo em Marcos, que por longos anos tiveram influência na pesquisa deste evangelista.

Inicialmente JÜLICHER constata que, conforme a concepção de Marcos segundo Mc 4.11 há “duas classes de ouvintes de Jesus: de um lado *ὁμοῖς*, i. é, *οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα*, que têm o seu lugar junto a Jesus, também ali onde ele está *κατὰ μόνας* v. 10; do outro lado estão *ἐκεῖνοι οἱ ἔξω*, i.é, os que ficaram do lado de fora, o povo...”<sup>(4)</sup>. A estes últimos se dirige o ensinamento de Jesus “*ἐν παραβολαῖς* para que vendo vejam e não percebam; e ouvindo ouçam, e não entendam, para que não venham a converter-se e lhes seja perdoado (v. 12)”<sup>(5)</sup>. Portanto, JÜLICHER descreve a finalidade do ensino de Jesus em parábolas segundo Marcos assim: “O povo (= *die Volkshaufen*) recebe as parábolas, para que tenha algo para seus olhos e ouvidos, para que *ἀκούειν δύνανται*, e mesmo assim não tenham nada que lhes penetre na mente e no coração: Ele deve permanecer sendo o que é, não deve converter-se para o caminho do perdão”<sup>(6)</sup>. Com outras palavras: No entendimento de JÜLICHER, para Marcos as parábolas são aquela técnica de Jesus falar para ofuscar e embotar os seus ouvintes. E esta técnica de ensino Jesus usa justamente para falar com *ἐκεῖνοι οἱ ἔξω*, isto é, para JÜLICHER, o povo.

Em contraposição a estes, ao povo, estão, segundo JÜLICHER, *οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα*, isto é: os discípulos. Estes já estão de posse do segredo do Reino de Deus, já reconheceram em Jesus o Messias, já são *ἔχοντες καὶ βλέποντες*<sup>(7)</sup>. Mas, como eles não compreendem Jesus ao ouvi-lo falar em parábolas, ele lhes dá uma explicação (= *ἐπιλυσις*) em particular, ao estar com eles *κατὰ μόνας/κατ’ἰδίαν* (Mc 6.31s; 7.33; 9.2; 13.3).

Esta, porém, segundo JÜLICHER, não é a compreensão e intenção original de Jesus. Ele contava claramente com o aumento do número dos seus seguidores (cf. Mc 6.34; 7.14-23). E o evangelho mostra rastros do

(3) JÜLICHER, Adolf — **Die Gleichnisreden Jesu** I, 2ª ed., Tübingen, 1910, pp. 118-148.

Nesta mesma linha de pesquisa encontra-se também J. SCHMID, **Das Evangelium nach Markus**, Regensburger NT II, 4ª ed. revisada, Regensburg 1958, pp. 93-96.153-158.

(4) A. JÜLICHER, op. cit., p. 122;

(5) A. JÜLICHER, op. cit., p. 122;

(6) A. JÜLICHER, op. cit., p. 122;

(7) A. JÜLICHER, op. cit., p. 123s;

bom relacionamento histórico entre Jesus e o povo (Mc 12.12; 2.13; 3.20; 9.15ss; 10.1,46; 12.35-38)<sup>(8)</sup>. Trata-se de uma “teoria fatal”, conforme JÜLICHER, criada por Marcos, que quer com ela explicar para o seu presente, por que Jesus não encontrou aceitação geral entre a maioria do povo judeu.

Para formular esta sua “teoria das parábolas” Marcos partiu de duas premissas: a) A maioria do povo judeu não aderiu ao cristianismo — portanto Jesus não deve ter querido que isto acontecesse; b) As parábolas de Jesus não são mais compreensíveis para todos — elas necessitam de uma explicação, mesmo para os discípulos.

A. JÜLICHER com certeza tem razão ao dizer que esta “teoria fatal” não pode corresponder à intenção do Jesus histórico, quando fez uso das parábolas para os seus ensinamentos. Mas, será que JÜLICHER está certo quando diz que οἱ ἔθνη é igual a **povo** em Mc 4.11? Pois, se este fosse realmente o caso, como explicar então também as afirmações positivas sobre a relação entre Jesus e povo, existentes não só em partes tradicionais, mas também em versículos redacionais?

## 2) O povo como coro para ressaltar a figura central da perícopie.

Como representante desta linha de interpretação eu gostaria de citar M. DIBELIUS<sup>(9)</sup>. Também este exegeta não tematiza de forma expressa a relação entre Jesus e o povo. Mas no seu livro “Formgeschichte des Evangeliums” ele faz algumas afirmações sobre o povo no evangelho de Marcos que, segundo a minha opinião, contribuíram muito para que este tema permanecesse indiscutido durante tanto tempo.

M. DIBELIUS considera o evangelista Marcos como sendo em primeira linha um coletor de tradição de perícopes isoladas. E o principal trabalho de Marcos então teria consistido em organizar esta tradição de perícopes isoladas de acordo com o seu pensamento teológico central, a saber: acentuar aqueles traços da tradição que mostravam Jesus como Messias, mas que ao mesmo tempo mostravam porque o povo judeu não o reconheceu como tal, pelo contrário, o combateu e o levou à cruz<sup>(10)</sup>. Para tanto, conforme DIBELIUS, Marcos usa duas técnicas: a) a teoria do segredo messiânico, expresso nas ordens de Jesus para que seja guarda-

(8) A. JÜLICHER, op. cit., p. 143.

(9) Conf. DIBELIUS, Martin — **Die Formgeschichte des Evangeliums**, 4ª ed., Tübingen, 1961. Nesta mesma linha também pensa GNILKA, Josef — **Die Verstockung Israels**. Isaías 6.9-10 in der Theologie der Synoptiker, München 1961, pp. 23-86.

(10) Conf. M. DIBELIUS, op. cit., p. 232.

do segredo dos seus atos (Cf. Mc 5.43; 7.36; 8.26; 7.24); b) a compreensão das parábolas como ensinamento velado, que representa a epifania de Deus no mundo somente para os seus escolhidos, isto é, os discípulos e os leitores cristãos do evangelista<sup>(11)</sup>.

Segundo DIBELIUS, portanto, Marcos desenha a relação entre Jesus e povo a partir da sua situação presente, isto é: **ex eventu**. Para ele e sua comunidade Jesus é indiscutivelmente o Messias. Por outro lado está claro também que a maioria do povo judeu não o reconheceu como tal e não aderiu à comunidade cristã. E este contraste Marcos só entende, segundo DIBELIUS, a partir da pressuposição de que Jesus, em sua vida terrena em conformidade com a vontade de Deus, nem quis ser reconhecido como Messias pela maioria do povo. E esta idéia o evangelista expressa através das **afirmações negativas** sobre o povo, como na teoria das parábolas (Mc 4.10-12) e nas ordens de silêncio sobre os seus feitos (Mc 5.43a; 7.24,36; 8.26) e na seqüência que ele dá na organização da tradição.

Mas há também as **afirmações positivas** sobre o povo em Marcos. Delas DIBELIUS fala, quando trata dos "Paradigmas". Característica dos paradigmas é apresentar tipos impessoais de atores, ou então "não deixar as pessoas reagirem individualmente, mas sim em coro"<sup>(12)</sup>. Trata-se aí de uma estilização dos autores ou responsáveis pela tradição, que querem assim desviar a atenção daquele que fala, para centrá-la no conteúdo daquilo que ele diz. Isto vale especialmente para os textos que terminam com uma reação coletiva a uma palavra ou um feito de Jesus, um "coro", que louva ou se admira do acontecido: "Nunca vimos coisa assim..."; "Tal coisa ainda não aconteceu em Israel...", etc. Estas respostas "em coro" desviam a atenção para a grandeza do acontecido, e com isto para aquele que efetuou o acontecido. Em outras palavras: segundo DIBELIUS estas respostas "em coro" não são eclesiológicas, mas sim cristológicas. Elas querem ressaltar a importância de Cristo, que Marcos quer pregar.

O mérito de DIBELIUS consiste em levar a sério tanto as afirmações negativas, quanto as positivas sobre a relação entre Jesus e o povo em Marcos. Mas o resultado desta tentativa contribuiu para que esta questão não fosse objeto de um estudo mais aprofundado por longo tempo. Pois, segundo este autor, a relação entre Jesus e povo em Marcos não é um tema com valor próprio, mas de valor cristológico auxiliar.

(11) Conf. M. DIBELIUS, op. cit., p. 225s.

(12) Conf. M. DIBELIUS, op. cit., p. 50.

### 3) Primeiras tentativas de uma avaliação diferenciada da relação entre Jesus e povo em Marcos.

As duas únicas tentativas anteriores de uma avaliação mais diferenciada da relação entre Jesus e povo em Marcos, encontram-se em dois artigos relativamente breves em língua inglesa: B. CITRON, *The Multitude in the Synoptic Gospel*<sup>(13)</sup>, que faz um estudo muito breve sobre o problema nos sinóticos em geral. Não se pode concordar com o seu resultado, mas pelo menos ele denota consciência do problema. O outro artigo é de P. S. MINEAR, *Audience Criticism and Marcan Ecclesiology*<sup>(14)</sup>, a quem apresento como representante deste modelo de interpretação.

MINEAR parte do princípio de que é necessário diferenciar clara e cuidadosamente entre os diversos grupos de ouvintes de Jesus em Marcos, especialmente entre *λαός*, *ὄχλος* e *μαθηταί*.

a) O termo *λαός* é usado em Mc 7.6, num citado de Is 29.13, com o qual os escribas e fariseus são acusados de ter se desviado dos mandamentos de Deus e de ater-se aos mandamentos da tradição humana, sendo por isto taxados por Jesus de hipócritas (Mc 7.6,8).

Além disso este termo ainda aparece em Mc 14.2, onde os adversários decidem não executar Jesus “no dia da festa”, para que não haja tumulto entre o *λαός*. Aqui este termo deve referir-se aos peregrinos, membros do povo escolhido de Deus<sup>(15)</sup>.

Este mesmo termo ainda aparece uma última vez em Mc 11.32 como *lectio varia* para o termo *ὄχλος*, sendo que aqui são feitas afirmações positivas sobre a postura do povo de Deus frente a João Batista.

Em todos os casos chama a atenção o fato de que na única passagem onde *λαός* é identificado com um grupo concreto de pessoas (Mc 7.6) haja uma posição crítica frente a eles (fariseus e escribas = hipócritas).

b) Para estudar o uso do termo *ὄχλος* P. S. MINEAR parte de Mc 7.1-23, onde o assunto é a pureza ritual dos alimentos. Ali Jesus não responde à pergunta de seus interlocutores, mas os acusa de desleixarem a vontade de Deus para observar a tradição dos anciãos. Então ele, Jesus, convoca o *ὄχλος* novamente (*πάλιν*) e o insta a **ouvir e entender** (*ἀκούσατε...σύνετε* — Mc 7.14). Interessante é o *πάλιν*: quer dizer que Jesus

(13) CITRON, Bernhard — *The Multitude in the Synoptic Gospel*, in: **Scottish Journal of Theology** 7 (1954), p. 408-418.

(14) MINEAR, Paul S. — *Audience Criticism and Marcan Ecclesiology*, in: **Neues Testament und Geschichte** (F.S. für O. Cullmann), Tübingen/Zürich 1972, p. 79-89.

(15) *Λαός* é termo técnico na LXX para designar o povo escolhido de Javé.

costumava fazer isto. Ou este *πάλι* se refere a Mc 6.45, onde Jesus despediu a multidão depois da 1ª multiplicação dos pães. Neste último caso haveria a idéia de que um mesmo grupo de *ὄχλος* esteve mais vezes com Jesus.

Em Mc 2.1-12 a afluência do *ὄχλος* para junto de Jesus em Cafarnaum é a resposta a sua atividade nesta região. Conforme Mc 2.2 eles querem **ouvi-lo pregar a Palavra**; e em 2.12 eles louvam a Deus pelo perdão dos pecados e pela cura do paralítico.

Em Mc 2.15ss πολλοί (publicanos e pecadores) seguem a Jesus<sup>(16)</sup>. Esta multidão é, segundo MINEAR, um grupo constante de ouvintes da doutrina de Jesus. E é do meio deste grupo constante de ouvintes, deste *ὄχλος*, que Jesus convoca os doze, para que "estivessem em torno dele e ele os pudesse enviar" (Mc 3.13ss).

Muito importante para a avaliação da importância do *ὄχλος* em Marcos, conforme MINEAR, é Mc 3.20-35, onde Jesus manifesta seu gosto pela presença do povo (= *ὄχλος*) em torno dele, e identifica este *ὄχλος* que o ouve e está ao seu redor como sendo a sua mãe e seus irmãos (V.32). E o que faz com que este *ὄχλος* seja mãe, irmão e irmã? A sua obediência à vontade de Deus.

Igualmente importantes para a definição da relação entre Jesus e o *ὄχλος* em Marcos são as duas multiplicações dos pães (Mc 6.30-44; 8.1-10). O *ὄχλος* é como um rebanho sem pastor, e Jesus se compadece dele (Mc 6.34; 8.2 — *σπλαγχνίζεται*), o que consiste em ensiná-lo e alimentá-lo. A dedicação do *ὄχλος* a Jesus por seu lado consiste em reconhecê-lo, em procurar estar com Jesus a todo o custo, em não se deixar afastar dele nem pela fome física, e em se deixar alimentar por ele. Este *ὄχλος* com certeza era mais do que uma platéia ocasional de curiosos. A multiplicação dos pães em Marcos tem a intenção de mostrar a instrução de Jesus aos seus discípulos com respeito ao povo (Mc 6.37; 8.4-6): "Eles são habilitados e recebem a ordem de pastorear as ovelhas e de substituir os escribas, que falharam nesta sua tarefa"<sup>(17)</sup>.

E neste mesmo sentido **positivo** de Jesus se relacionar com o *ὄχλος* e de o *ὄχλος* se relacionar com Jesus, MINEAR descobre mais diversas passagens:

Mc 8.34 — Jesus conclama os discípulos e o *ὄχλος* a tomar a sua cruz e a segui-lo;

(16) Ἀκολουθεῖν é termo técnico para o discipulado!

(17) Citado de P.S. MINEAR, op. cit., p. 84.

- Mc 10.1 — O ὄχλος acorre a Jesus, e ele o ensina de novo, como de costume;
- Mc 10.32-34,46 — O ὄχλος com os discípulos acompanha Jesus a Jerusalém;
- Mc 11,8s — “os muitos” (= ὄχλος // Mc 2.15-17) o saúdam como Messias na entrada triunfal em Jerusalém;
- Mc 11.18 — Os inimigos de Jesus temem o povo;
- Mc 12.1-12 — Jesus considera o ὄχλος como a vinha do Senhor, de onde os maus administradores serão expulsos;
- Mc 12.35-37,38-40 — Também no confronto de Jesus com as autoridades no templo o ὄχλος está do lado de Jesus.

Somente em quatro passagens o ὄχλος toma uma atitude francamente hostil a Jesus:

- Mc 14.43 — Judas, e com ele um ὄχλος com espadas e cacetes, vindos da parte dos sacerdotes, escribas e anciãos, vai prender Jesus no Getsêmani;
- Mc 15.8 — O ὄχλος vem a Pilatos e pede a soltura de um preso, como de costume;
- Mc 15.11 — Os principais sacerdotes incitam o ὄχλος a pedir a libertação de Barrabás e a crucificação de Jesus;
- Mc 15.15 — Pilatos, querendo contentar o ὄχλος, manda soltar Barrabás e entrega Jesus à crucificação.

Nestas quatro passagens o ὄχλος é um joguete, que se deixa usar pelos sacerdotes, que se deixa manipular pelos adversários de Jesus. Aqui, diz MINEAR, deve se tratar de **um grupo especial de habitantes de Jerusalém**, que **jamais foi ouvinte** de Jesus. O ὄχλος favorável a Jesus, que o acompanhou na e desde a Galiléia, não é mais citado diretamente após Mc 12. Talvez haja uma referência a este ὄχλος em Mc 13.34, onde se fala da οἰκία sobre a qual os servos recebem autoridade de seu Senhor; ou em Mc 13.37, onde πάντες são chamados a vigiar! Em todos os casos as mulheres sob a cruz (Mc 15.40) e as testemunhas da ressurreição (Mc 16.7-8) são representantes deste ὄχλος favorável a Jesus.

P. S. MINEAR resume a sua opinião sobre a função do ὄχλος em Marcos assim: “Marcos deu ao ochlos que segue a Jesus uma função muito importante nos eventos narrados pelo evangelho. Não se trata de uma massa heterogênea, de pessoas casualmente presentes, mas de uma audiência constante, de crentes comissionados”(18). Certo que em quatro vezes o termo descreve um grupo hostil a Jesus; e em alguns ca-

(18) Citado de P.S. MINEAR, op. cit., p. 87.



sos, como em Mc 5.24,27,30,31; 12.41, se trata claramente de um grupo de curiosos casualmente presentes. Mas na grande maioria dos casos trata-se de uma audiência constante e crente.

c) O termo μαθηταί é a designação dos doze, que têm vocação especial, revelação especial (cf. transfiguração), ensino especial, comissionamento especial para o anúncio da Palavra, a cura, a organização e o ensino em relação ao ὄχλος.

Segundo MINEAR por detrás desta “audiência diferenciada” de Jesus estaria espelhada a concepção eclesiológica de Marcos, a saber:

μαθηταί corresponderia aos líderes de sua comunidade;

ὄχλος corresponderia aos cristãos leigos;

λαός designaria os judeus, os não-crentes.

Esta interpretação é, sem dúvida, muito interessante, e num primeiro momento tem-se o impulso de concordar plenamente com esta análise. Mas, quando se olha esta análise mais detidamente, chega-se à conclusão de que ela não convence realmente. Pois ela sabe lidar muito bem com as afirmações positivas sobre o relacionamento entre Jesus e o povo. Mas ela não sabe lidar muito bem com as afirmações negativas sobre o mesmo. Ao falar delas o autor precisa apelar, sem nenhuma pista no próprio texto, para a pressuposição de um outro grupo de ὄχλος, natural de Jerusalém, que não foi ouvinte de Jesus.

### III — Tentativa de uma solução: A relação entre Jesus e os que o cercam como expressão da eclesiológica de Marcos.

Eu penso que não é possível interpretar corretamente a relação entre Jesus e o povo no evangelho de Marcos sem levar em conta a relação entre Jesus e os demais grupos que, segundo Marcos, o cercam e com quem ele tem relacionamento. Por isso vamos verificar como Marcos descreve o relacionamento de Jesus com o mundo maior que o cerca e, ali, verificar como se fala de povo.

Quando se fala em **povo** segundo Marcos, temos de levar em conta, que ele usa para designar este grupo uma terminologia “neutra”, que não qualifica antecipadamente este povo, nem no sentido positivo, nem no sentido negativo, nem quanto à sua providência local ou social. O seu termo preferido para designá-lo é ὄχλος<sup>(19)</sup>. Mas ele também usa

(19) Marcos usa esta designação 36 vezes.

outras designações, que quase sempre são neutras quanto ao seu significado<sup>(20)</sup>. Por isto eu parto do princípio de que não é possível tentar diferenciar entre diversos grupos de “povo”, segundo a sua designação ou proveniência local ou social em Marcos<sup>(21)</sup>. O povo é simplesmente um dos grupos que cercam Jesus e que com ele se relacionam, à semelhança dos discípulos e dos adversários de Jesus. Portanto deve-se abarcar todas as afirmações sobre este grupo do princípio ao fim do evangelho, para compreender a sua função.

E que quadro Marcos nos pinta da relação deste povo, deste grupo especial que cerca Jesus, para com ele?

### 1) O povo na tradição pré-marquina

Marcos encontrou um retrato bem ambíguo da relação entre Jesus e o povo na tradição de que fez uso<sup>(22)</sup>.

a) Há tradições em que o povo toma uma posição bastante negativa frente a Jesus. Basta lembrar como exemplo extremo o papel do povo no processo de Jesus perante Pilatos (Mc 15.1-20). Mas também o povo de Nazaré se escandaliza diante da reivindicação de Jesus, de ensinar com poder, por conhecer a sua família (Mc 6.1-6a); os gerasenos pedem a Jesus que ele abandone o seu território, por não estarem dispostos a se expor à reivindicação de Jesus, de agir com o poder de Deus (Mc 5.1-20); a comunidade enlutada ri (καταγελλάω) quando Jesus afirma que a filha de Jairo não está morta, mas dorme apenas (Mc 5.21-24, 35-43, especialmente V.40)<sup>(23)</sup>.

b) Há passagens, em que o povo tem uma função “instrumental” para o decorrer da narrativa. Assim a presença do povo recém obrigada as pessoas a baixarem o paralítico pelo telhado, para chegarem até Jesus

---

(20) Os seguintes termos também designam o povo em Marcos: πολλοί = 9 vezes; πάντες = 6 vezes; πολὺ πλῆθος = 2 vezes; ἄλη ἡ πόλις = 1 vez; a 3ª pess. do plural das formas verbais = 11 vezes λάός = 2 (ou 3) vezes, sendo que este é termo técnico para designar o Povo de Deus na LXX. Quanto às tabelas da terminologia empregada por Marcos, conf. minha tese: **Das Verhältnis zwischen Jesus und Volk im Markusevangelium**, p. 265-268.

(21) Uma exceção talvez sejam aqui Mc 5.1-20, onde os gerasenos são de uma terra pagã, e Mc 6.1-6a, onde os nazarenos não admitem a reivindicação de Jesus de ensinar com poder, por conhecerem a sua família.

(22) Quanto à discussão, se um texto é tradicional ou redacional, veja minha tese: **Das Verhältnis...** p. 34-264, onde estão analisadas todas as passagens de Marcos, em que aparece o povo.

(23) Καταγελλάω é um rir debochado.

(Mc 2.1-12); a presença da grande massa popular recém leva a mulher hemorrágica a tentar chegar sorrateiramente a Jesus e lhe tocar as vestes (Mc 5.25-34).

c) Há muitas afirmações positivas, tanto sobre a atitude do povo para com Jesus — que vai desde um abalo íntimo, de um sentir-se inquietado e questionado, que ainda deixa em aberto uma decisão para a fé ou de recusa, até a uma atitude de quase discípulos —, como sobre a atitude de Jesus para com o povo. Assim o povo se maravilha (ἐξεπλήσσοντο) diante da cura do surdo e gago (Mc 7.31-37), e se admira (ἐξίστανται) diante da cura do paralítico (Mc 2.1-12); o povo considera Jesus o João Batista ressurreto, Elias ou outro profeta (Mc 6.14s // 8.27s); na figura do pai do menino lunático, de quem diz expressamente que ele era um do ὄχλος, chega à fé ao dizer: Senhor, eu creio; ajuda a minha falta de fé (Mc 9.14-29, especialmente V.17); o povo, juntamente com os discípulos saúda Jesus como Messias na entrada triunfal em Jerusalém (Mc 11.1-11).

Nas passagens pré-marquinas, que falam da posição de Jesus para com o povo, as afirmações também são positivas. Assim, por exemplo, diz que Jesus teve compaixão do povo (σπλαγχνίζεται), que o ensina e alimenta (Mc 6.30-33.34.35-44; Mc 8.1-9); Jesus considera o povo sua verdadeira família (Mc 3.31-35); ele come com o povo sem fazer distinção e o ensina<sup>(24)</sup>.

## 2) O povo na redação de Marcos

Especialmente nas passagens conhecidas como “Sammelberichte”, Marcos desenha um quadro positivo da relação entre Jesus e o povo. Segundo eles o povo se sente atraído por Jesus em grande número, de modo que há tumulto em torno dele e passa a faltar lugar (Mc 1.33; 2.2; 3.9s; 4.1, etc.). Tanto é que, segundo algumas destas passagens, Jesus tenta retirar-se do público sem sucesso (Mc 1.45; 6.31s). Sempre de novo o evangelista repete que Jesus se volta para o povo, o ensina, lhe diz a Palavra (Mc 1.21; 2.2,13; 4.1-2; 6.6; 6.34; 10.1); cura os seus doentes (Mc 1.34; 3.10, etc.); lhes expulsa os demônios (1.39). Sim, Marcos acentua até que Jesus ensinou o povo e o exortou para ouvir e entender(!) (Mc 7,14), e mais, que ele chamou este povo em conjunto com os discípulos ao discipulado, que inclui a cruz (Mc 8.34).

(24) Não se pode, portanto igualar o povo com οἱ ἔθνη, cujo entendimento é embotado pelo ensino em parábolas de Jesus (Mc 4.11). Conf. minha tese: **Das Verhältnis...** p. 97-118, onde há mais referências bibliográficas.

Resumindo, pode-se constatar: Marcos assume os motivos que na tradição falam positivamente da relação entre Jesus e o povo, e os repete, acentua ou multiplica redacionalmente. Mas ele também não exclui as tradições negativas sobre este relacionamento. Pelo contrário, ele as incorpora no seu evangelho. Para ele também as cores fortes deste quadro, tanto as positivas e claras (ex. Mc 3.31ff) como as negativas e escuras (ex. Mc 15) são parte integrante e indispensável do mesmo.

### 3) A relação do povo com Jesus, os discípulos e os adversários

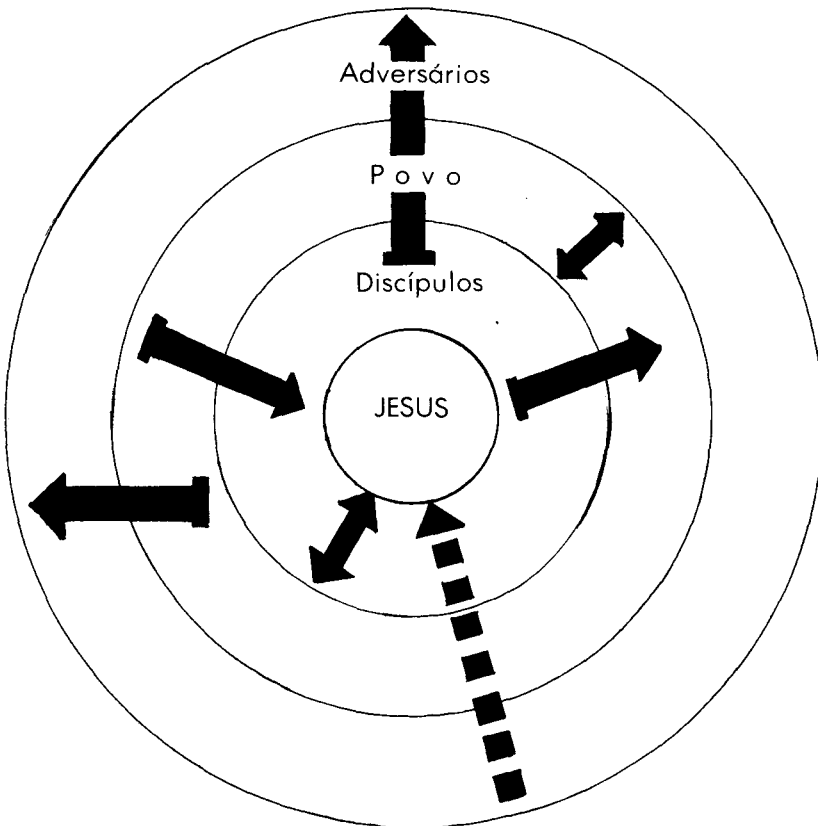
A relação entre Jesus e o povo em Marcos **não** apresenta um **desenvolvimento linear**, de modo que a sua incompreensão e o seu embotamento tivesse crescido. Também **não** se pode falar de uma **crise na Galiléia** de modo que Jesus se tivesse retirado com os seus discípulos de diante do povo, o que teria culminado com o “crucifica-o” em Jerusalém.

Esta relação pode antes ser descrita como uma situação de gravitação, que vai da negação, da rejeição (Mc 6.1-6a; 15.6-15), passando por um estar abalado ou impressionado (Mc 3.20s.31-35), por um sentir-se atraído, até quase ao discipulado (Mc 7.31-37; 11.1-11), sim à própria fé (Mc 9.17). E de Jesus sempre de novo se diz que ele se empenha pelo povo, preocupa-se com as suas necessidades e sofrimentos (Mc 6.30ss), cura as suas enfermidades e chama ao arrependimento e discipulado. Uma delimitação clara entre o povo e os adversários de um lado e entre o povo e os discípulos de outro lado não se pode traçar. Ora o povo está mais próximo do discipulado e dos discípulos (Mc 3.20s; 3.31-53; 8.34-9.1; 11.1-11), ora está mais próximo dos adversários (Mc 5.1-20; 6.1-6a), sim, seduzido pelos próprios adversários de Jesus, ele se transforma em adversário (Mc 15.6-15).

Agora, esta situação de gravitação em relação a Jesus vale também para os dois outros grupos que cercam Jesus e com os quais ele se relaciona de modo idêntico, a saber, para os discípulos e para os adversários. Também os discípulos estão ora mais próximos de Jesus, compreendendo os seus ensinamentos, ora se mostram incompreensíveis para o que Jesus quer deles; ora reconhecem a sua messianidade, mas imediatamente têm de ouvir: Arreda Satanás (Mc 8.27-33); ora querem morrer por seu mestre, ora negam sequer tê-lo conhecido (Mc 14.31,66ss); ora o discípulo se deixa chamar por Jesus ao discipulado, ora chega a transformar-se em seu adversário e traidor (Mc 14.43ss).

Sim, até para um de entre os adversários de Jesus o caminho para o discipulado ainda está aberto (Mc 12.34; 15.43).

E pessoas individuais sempre de novo ultrapassam os limites dos círculos não muito bem e claramente delimitados destes grupos que cercam Jesus para um ou para outro lado. Os discípulos são chamados de entre o povo (Mc 1.40-45); diversas pessoas do povo chegam à fé (Mc 5.1-20 — o geraseno curado; Mc 5.25-34 — a mulher hemorrágica; Mc 9.14-29 — o pai do menino lunático; Mc 10.46-52 — o cego Bartimeu; Mc 15.39 — o centurião sob a cruz); até um escriba tem chance de chegar ao discipulado (Mc 12.34); mas também o discípulo pode tornar-se inimigo (Mc 14.43ss), e o próprio povo pode tornar-se adversário (Mc 15.6-15). Poderíamos representar a relação de Jesus com os grupos que o cercam, segundo Marcos, graficamente, da seguinte forma:



Quer me parecer que Marcos descreve com a sua exposição da relação de Jesus com estes diversos grupos que o cercam a sua eclesiologia. Mas não a sua eclesiologia dogmática, e sim a sua eclesiologia vivida no seu dia a dia, no seu campo missionário de missão interna (discípulos) e externa (povo, e adversários — estes principalmente os judeus representados pelas suas lideranças), se é que dá para usar uma tal terminologia moderna para descrever uma realidade do evangelista.